



Evento	Salão UFRGS 2020: SIC - XXXII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2020
Local	Virtual
Título	“Já não me movo como antes”: restrição e adaptação de movimentos e posturas em pessoas com dor lombar crônica
Autor	SOFIA PAIVA SVENTNICKAS
Orientador	ADRIANE VIEIRA

Título do Trabalho: “Já não me movo como antes”: restrição e adaptação de movimentos e posturas em pessoas com dor lombar crônica

Autor: Sofia Paiva Sventnickas

Orientador: Profa. Dra. Adriane Vieira

Instituição de Origem: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Justificativa: Pesquisas têm apontado que a incapacidade funcional é uma das principais consequências da dor lombar crônica (DLC). Entender crenças e comportamentos relacionados a restrição do movimento no cotidiano de pessoas com diferentes índices de incapacidade funcional pode ser relevante para abordagem dessas questões durante o tratamento. **Objetivo:** Entender crenças e comportamentos em relação a restrições e adaptações do movimento entre pessoas com DLC com índice de incapacidade funcional mínima (IMin) e moderada (IMod). **Métodos:** Pesquisa qualitativa por meio de entrevista semiestruturada e aplicação do questionário ODI para classificação do índice de incapacidade funcional e TSK para quantificação da cinesiofobia. Foram entrevistados indivíduos maiores de 18 anos, sem histórico de cirurgia ou trauma, que apresentavam DLC no mínimo há 6 meses. As entrevistas foram analisadas tematicamente pela Descrição Interpretativa e pela classificação do ODI. **Resultados:** Participaram 11 pessoas com DLC, sendo seis com IMin (ODI: 10 - 20 e TSK: 26 - 35) e cinco com IMod (ODI: 24 - 38 e TSK: 40 - 57). Observamos que os participantes com IMod apenas listaram quais atividades adaptaram, enquanto que o grupo com IMin descrevia mais detalhadamente as adaptações realizadas para a redução dos sintomas, demonstrando maior consciência corporal e autogerenciamento do problema. O grupo de participantes com IMod manifestou perspectivas pessimistas em relação ao futuro, além de uma maior crença de que movimentos e posturas poderiam agravar sua dor, o que condiz com um índice maior de cinesiofobia identificado no TSK. Além disso, relataram experiências frustradas com profissionais de saúde, quando esses não solicitavam exames, realizavam avaliação física incompleta e explicavam insuficientemente o problema e os objetivos do tratamento. Eles também relataram falta de acolhimento, escuta e empatia. Já os participantes com IMin demonstraram uma maior satisfação com profissionais, encontrando apoio para realização de exercícios e orientações para adaptar atividades.